

O Brasil em alta

> País é a 70ª nação no Índice de Desenvolvimento Humano da ONU

O Brasil entrou pela primeira vez para o grupo de países de “alto desenvolvimento humano” no ranking elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Atingiu o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,8, em uma escala de 0 a 1, conforme dados de 2005. No relatório de 2004, o país chegou a 0,792.

Apesar de ter tido uma pontuação maior, caiu uma posição no ranking

> IDH avalia os dados de pobreza, saneamento e mortalidade infantil

e agora ocupa o 70º lugar, o último entre os de nações com “alto desenvolvimento”. Nesse grupo, que saltou de 63 para 70 neste ano, também é o país com maior desigualdade entre ricos e pobres, seguido por Panamá, Chile, Argentina e Costa Rica. No Brasil, os 10% mais ricos da população têm renda 51,3 vezes maior do que os 10% pobres. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva comemorou os resultados. **Páginas 4 e 5**

Brasília

Mais de 20 anos depois da Argentina, que obteve o feito ainda nos anos 1980, o Brasil entrou para o clube dos países considerados de alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), segundo relatório divulgado ontem pelo Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD).

O ingresso, porém, ocorre de forma tardia e com desempenho ainda bastante tímido (70º entre 70 países). Uma rápida olhada nos indicadores mostra o quanto a atuação do país está aquém dos vizinhos Chile, Uruguai e Argentina.

– Para se aproximar de outros países, o Brasil precisa adotar uma agenda específica – avaliou o assessor especial para Desenvolvimento Humano da ONU, Flávio Comim.

Ele valeu-se de cinco indicadores para mostrar o longo caminho a percorrer, começando pela desigualdade social. Em 2004, a faixa 20% mais rica de brasileiros ganhava 21,8 vezes mais do que o grupo 20% mais pobre. No México, os mais ricos ganham 12,8 vezes mais do que os mais pobres. No Uruguai, 10,2 vezes, e no Chile, 15,7.

– O copo do Brasil ainda está meio vazio. Há muito o que ser feito para se aproximar da Argentina – completou Comim.

O número de mortes registradas entre mulheres durante ou logo depois do parto foi o segundo exemplo dado pelo economista. No Brasil, são registradas 110 mortes por cada 100 mil habitantes. Na Argentina, são 77 por 100 mil. O México apresenta um

Brasil é o pior entre os melhores

Ranking do IDH

Posição 2007	Posição 2006	País	IDH 2006	IDH 2007
1º	2º	Islândia	0,960	0,968
2º	1º	Noruega	0,965	0,968
3º	3º	Austrália	0,957	0,962
4º	6º	Canadá	0,950	0,961
5º	4º	Irlanda	0,956	0,959
6º	5º	Suécia	0,951	0,956
7º	9º	Suíça	0,947	0,955
8º	7º	Japão	0,949	0,953
9º	10º	Holanda	0,947	0,953
10º	16º	França	0,942	0,952
70º	69º	Brasil	0,792	0,800
177º	176º	Serra Leoa	0,335	0,336

índice ainda menor: 60 por 100 mil, quase metade da marca brasileira.

Abastecimento de água comparado ao do Nepal

No dia em que o país alcançou o patamar histórico de IDH, nasceu em Florianópolis mais um cidadão. Martin Javier de Souza Rodrigues, o primeiro filho da brasileira Greicy de Souza, de 22 anos, e do uruguaio Ja-

vier Rodrigues, 21, chegou ao mundo com 2,950kg e 46cm. Ele nasceu à 1h25min e hoje já deve deixar a Maternidade Carmela Dutra rumo à nova casa, em São José. Diferente de muitas crianças, Martin já tem um quatinho todo decorado o aguardando e a garantia de uma vida tranqüila, com acesso à saúde e educação. No Brasil, no entanto, a mortalidade entre menores de cinco anos é significativamente grande. São 33 mortes

Revisões estatísticas ajudaram

O relatório das Organizações das Nações Unidas (ONU) apontou que o Brasil atingiu o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,8, em uma escala de 0 a 1. Países com índice inferior a 0,8 são considerados de médio desenvolvimento humano, categoria na qual o Brasil figurava desde 1990, quando o ranking começou a ser divulgado.

Os dados do relatório apresentado ontem são referentes a 2005. No do ano passado, de 2004, o IDH do Brasil foi de 0,798. Apesar de ter tido uma pontuação maior, o país caiu uma posição no ranking e agora ocupa o 70º lugar, o último entre os de nações com alto desenvolvimento.

Além do Brasil, países como Rússia, Macedônia, Albânia e Belarus também ingressaram no ranking dos países com alto IDH que, nesta edição, foi liderado pela Islândia, com índice de 0,968.

O IDH é um índice usado pela ONU para medir o desempenho dos países em três áreas: saúde, educação e padrão de vida.

O índice é composto por estatísticas de expectativa de vida, alfabetização adulta, quantidade de alunos na escola e na universidade e o Produto Interno Bruto (PIB) per capita.

Relatório é insuficiente para se avaliar um país

O Brasil subiu não só devido a melhoras reais nos campos avaliados pelo IDH, mas também em função de revisões de estatísticas nos bancos de dados da Unicef e do Banco Mundial – órgãos que fornecem os números para o PNUD, normalmente baseados em dados produzidos pelos próprios países.

Por exemplo, uma recente revisão de metodologia do IBGE alterou para cima o crescimento do PIB brasileiro em 2005. Em vez de 2,9%, o IBGE declarou que a economia do Brasil cresceu 3,2% naquele ano.

Revisões estatísticas também rejeitaram que os padrões de educação e expectativa de vida no Brasil aumentaram em 2005.

A expectativa de vida média subiu de 70,8 anos, no relatório anterior (71,5 no número revisado), para 71,7 anos em 2005. A revisão foi feita em 62 países, a partir do ajuste do impacto da Aids na longevidade das populações, menor do que se pensava anteriormente.

Entretanto, o próprio PNUD reconhece que o IDH não é suficiente para avaliar o nível de desenvolvimento humano de um país.

Um dos objetivos do índice, de acordo com o relatório, é “chamar atenção dos formuladores de políticas públicas, da mídia e das ONGs para questões humanas”, tirando um pouco o foco de indicadores meramente econômicos.

por mil nascidos vivos, enquanto, na Argentina, são 18 mortes por mil, e no Uruguai, 15, ou seja, menos da metade da taxa brasileira.

– Não vivemos com luxo, mas temos o necessário para viver. Ele já nasce com sorte. Hoje, enquanto uns têm demais, outros têm de menos. Acho que o Brasil não sabe aproveitar as riquezas que tem – disse a mãe.

Com abastecimento de água a situação não é diferente. Na Argentina, 96% da população tem acesso à água encanada. No Chile, 95%, enquanto no Uruguai, 100%. O Brasil oferece o serviço a 90% de sua população, mesmo índice apresentado pelo Nepal, o 142º colocado no ranking.

Saneamento básico fica abaixo dos vizinhos

No quesito saneamento básico, o Brasil também deixa a desejar. Em 2004, a rede de esgoto atendia 75% da população. No Uruguai, 100% da população, e na Argentina, 91%.

Moradores do Bairro Frei Damião, no município de Palhoça, na Grande Florianópolis, aguardam soluções para os problemas diários decorrentes da falta de rede de esgoto. Uma vala bem na frente da residência da dona de casa Terezinha dos Santos, 27 anos, além de trazer doenças, quase protagonizou uma tragédia na vida daquela família.

– Meu filho quase morreu nesta vala quando tinha três anos – diz.

Os moradores do bairro esperam também o funcionamento do posto de saúde, que já foi construído, mas está fechado, a instalação da iluminação pública e a inclusão no serviço de coleta de lixo. São cinco áreas em que o Brasil precisa melhorar muito.

Um dos sete mais desiguais do mundo

O Brasil ainda depende muito do aumento da renda para subir no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). O Produto Interno Bruto (PIB) per capita dos brasileiros passou de US\$ 8.195 (em dólar Paridade do Poder de Compra) para US\$ 8.402.

Desse valor, US\$ 130 se devem a uma revisão da renda brasileira feita pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Mesmo assim, a renda do brasileiro cresceu US\$ 77 em um ano.

Os programas de transferência de renda, como o Bolsa-Família – e suas variantes estaduais –, são apontados sempre pela ONU como as principais causas desse aumento na renda do brasileiro e da diminuição das diferenças entre ricos e pobres.

– Nos últimos três ou quatro anos, houve uma grande e encorajadora redução na pobreza no Brasil. Em grande parte, explicada pela redistribuição de renda em favor dos mais pobres – disse Kevin Watkins, coordenador do relatório do IDH.

O pesquisador do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Marcelo Neri, acredita serem “inegáveis” os avanços registrados no combate à desigualdade. Para ele, o Brasil viveu, nos primeiros

anos desta década, um “crescimento chinês”, restrito à porção mais pobre da população. Nos últimos dois anos tal fenômeno se expandiu. Essa mudança Neri atribui a políticas adotadas pelo governo.

Apesar da renda, o Brasil ainda tem, segundo o relatório, 9,7% da sua população dentro do que a ONU considera pobreza humana.

– A pobreza humana não é apenas a falta de renda. É a falta de saúde, de educação, a baixa expectativa de vida – definiu Flávio Comin, assessor especial do PNUD.

Entre os 29 países em desenvolvimento que ganharam este ano a classificação de alto desenvolvimento humano, o Brasil tem o segundo percentual mais alto de população dentro da faixa da pobreza humana. Apenas as Ilhas Maurício têm um índice maior, de 11,4%. Na Argentina é de apenas 4%, no Chile, 3,7%, no Uruguai, 3,5%, e no México, 6,8%.

A tradução disso é que os brasileiros são mais pobres em qualidade de vida do que em renda.

Casas sem saneamento, baixo acesso a escolas e a postos de saúde, falta de luz e analfabetismo contribuem para o resultado ruim. Os brasileiros pobres compram comida e eletrodomésticos, mas não conseguem aquilo que o Estado deveria prover.



Terezinha dos Santos e os filhos convivem com o esgoto a céu aberto em Palhoça